



ITALIA — POZZUOLO.

Pozzuolo, que também se escreve Puzzuolo e Pouzzol, é uma pequena cidade edificada sobre a falda de uma collina, proxima do mar, na mais deliciosa situação que pode imaginar-se, a 3 leguas, pouco mais ou menos, ao O. da cidade de Napoles, capital do reino das Duas Sicilias.

Pozzuolo foi no tempo em que os romanos dominaram o mundo uma das cidades mais celebres da Italia, não só pela sua importancia maritima, como pela sua aprazivel posição e amenidade do clima, que ali attrahia immenso numero de forasteiros; chamavam-lhe então *Puteoli*.

Hoje, perdida a antiga prosperidade, não se encontram na residencia de Pozzuolo tantos encantos como em outro tempo: todavia ainda é bastante concorrida, na estação calmosa, tanto de nacionaes, como dos muitos estrangeiros que então frequentam a península italiana.

Os romanos tinham ali erigido alguns edificios e construcções publicas, notaveis por aquella perfeição e solidez que distinguiam todas as suas obras. De semelhantes construcções restam apenas vestigios.

O molhe de Pozzuolo, que ainda existe, posto que em estado de ruina, foi obra do imperador Caligula, famoso pela sua inaudita crueldade. Os crimes d'este monstro mancham os annaes da antiga Roma. Indole tão perversa, animo tão sanguinario ainda não conheceu a purpura. D'elle disse seu pae ado-

ptivo, o imperador Tiberio: *E' uma serpente que eu estou creando para o povo romano e para o mundo: se nutricem populo romano... orbi terrarum educare* (1).

E digna de visitar-se também a antiga cidadella. Pozzuolo é séde de um hispado suffraganeo do de Napoles.

A nossa estampa representa parte da cidade, e o que ha poucos annos se conservava do velho molhe de Caligula.

NA ESTREMADURA.

(FRAGMENTO.)

Sr. Editor. — Vae para dous annos que v... teve a bondade de associar o meu nome aos dos collaboradores do seu jornal, contando porventura com os meus bons desejos, e com que me sobraria tempo de outras occupaões para desempenhar mais este encargo. Não me falleceram os desejos, mas tem-me fallecido o tempo. Com repugnancia consenti em que se transcrevessem nas paginas do Panorama extractos de um livro meu, então impresso e a pon-

(1) SUTTONIO — Caligula, 12

to de publicar-se. Era honra grande para o livro, mas pouco proveito para o jornal, que não deve viver de fragmentos de cousas impressas. Pensei que poderia em breve fazer melhor serviço a este semanario que conduzi na sua infancia, que eduquei na sua mocidade, que deixei na sua idade viril, e que duas vezes tenho visto cair exausto e erguer-se para nova existencia, signal de que a vida primitiva d'elle era robusta e tenaz. Difficuldades cada vez maiores têm continuado a afastar-me do meu proposito, e não creio que tão cedo me seja permittido dedicar ao Panorama um trabalho especial. Entretanto, como documento de boa vontade, ahí lhe mando esse fragmento de um novo livro, mas de livro cuja publicação definitiva ainda está afastada. São algumas das observações e notas feitas n'uma viagem de serviço publico durante o verão de 1853, observações e notas inseridas em cartas a varios amigos mais intimos. Redigidas ao correr da penna, essas cartas precisam de numerosas correções para apparecerem decentemente diante do publico, e apenas até hoje pude corrigir a primeira. Não sei por quanto tempo as restantes dormirão no fundo de uma pasta. Entretanto, se me fôr possível ordenar mais alguma enviar-lh'a-hei. Parece-me que não pela fórma, mas pela materia, ellas deverão mover a curiosidade dos leitores do Panorama; porque o paiz da Europa mais desconhecido entre nós é sem duvida Portugal.

Lisboa. 2 de junho de 1854.

A. HERCULANO.

CARTA PRIMEIRA

A ANTONIO DE MELLO S. LOURENÇO.

Santarem, 7 de junho.

MEU amigo. — Desde a foz do canal, onde nos separamos, até Santarem medeiam apenas tres a quatro leguas, desde o momento em que lhe dei o ultimo abraço até este em que pego na penna medeia pouco mais de um dia, e contudo sinto já necessidade irresistivel de lhe communicar idéas e sensações novas, colhidas em tão curto espaço de logar e de tempo. É que o viajar é viver largamente; é ampliar de um modo indefinito a existencia. Tenho passado vinte annos, que deveriam ter sido os mais agitados e os mais bellos da minha vida, amarrado á monotonia de occupações puramente litterarias, repetindo por milhares de dias os mesmos actos, vendo quasi sempre nascer e pôr o sol por detraz das mesmas collinas, dormindo no mesmo leito, vagueando á tarde pelos mesmos campos, seguindo as mesmas idéas, dilatando o coração nos mesmos affictos, e fundindo n'uma recordação, unica, uniforme, pallida, todas as memorias de tão largo periodo. Passados apenas os meus vinte annos, eu corria os mares, e folgava no balouçar das tempestades; ouvia murmurar de roda de mim linguagens estranhas; buscava entre as mulheres de outros povos essas affeições materiaes que pelo excesso do ardor com que nos devoram se confundem com o amor elevado e puro de idade mais robusta. Por esses annos assentei-me rodeado de tristes saudades sobre os outeiros volcanicos dos Açores: assisti a vinte combates civis; vi correr o sangue e cair os moribundos: soube o que eram as grandes

coleras e a compaixão profunda, os desalentos e as esperanças, a sombria desesperação do vencimento e o entusiasmo phrenetico da victoria: tive fome e tive sede pelas agrúras das serras fragosas e núas; saciei-me na fonte do valle, e restaurei o alento com o pão duro repartido comigo na choupana do pobre: soube o que eram o cansaço e o terror, soube o que eram a energia physica e a energia moral. Tres annos: eis todas as minhas economias de mais de duas decadas, que tenho desde então deixado atraz de mim. É tudo o que me resta para o recordar da velhice. Esses tres annos são um fóco de reminiscencias, muitas vezes suaves, mais vezes, talvez, acres e tristes, mas sempre vivas, sempre córadas, sempre saudosas e queridas. Depois é um limbo vago, um crepusculo com raros alvares, um ponto no espaço que se correu, campina rasa que se mede de um só olhar, e onde nem se eleva uma arvore, nem alveja um edificio.

Os primeiros vestigios da lenda do Judeu Errante não remontam além do seculo XI e acham-se misturados com as tradições das cruzadas. Devia ser assim. Essa lenda é um mytho e um symbolo. Na minha opinião, o Judeu Errante symbolisa a synthese das experiencias populares em relação á vida erradia. Quando as multidões se precipitavam para o oriente, quer contrastando os mares, quer transpondo as regiões de leste da Europa, e vagavam errantes pela Asia menor, incertas na vida, esperanças na morte, passando successivamente por todas as vicissitudes de uma peregrinação dilatada, atravessando vastas planicies, rompendo por bosques, galgando montanhas, vadeando torrentes, vendo rrear os seus grupos desordenados pelos saltos das feras, pelas injurias das estações, pela miseria, pela guerra e pelos vicios, saciando-se aqui de prazer até o desenfreamento, acolá de amarguras até o martyrio, o pequeno numero de cruzados que voltavam á patria depois de annos de ausencia, contemplando o seu vagabundo passado, criam ver n'elle, na infinidade de sensações que a memoria lhes recordava a infinidade da existencia ligada ao errar continuo pela face da terra. D'aqui o typo d'este homem que vaguea eternamente á espera do dia final e da nova Jerusalem; d'este homem, cuja historia se liga á dos santos logares e é um tecido de todas as situações imaginaveis de uma peregrinação perpetua.

Hoje, meu amigo, estou pouquissimo inclinado a admirar os anachoretas christãos dos primeiros seculos christãos. Independente do profundo desalento, que devia gerar a dissolução moral e material do imperio romano, e que naturalmente fazia afastar da sociedade os espiritos puros e timidos, o sacrificio da vida á monotonia do ermo não era grande desde que se adquiria o habito de uma existencia uniforme, em que o dia de hoje era rigorosamente similhante ao de hontem, e em que no de amanhã os dous que haviam passado se confundiam e identificavam n'uma imagem unica. Para contrahir esse habito bastava ser amparado alguns mezes pelo entusiasmo religioso. Depois os periodos de um, de dez, de vinte annos equiparavam-se a uma hora, ou antes a um momento, porque a solidão e o silencio da alma eram tão completos como os do deserto. Hoje renova-se o mesmo factio n'outra esphera. N'esta carreira desbotada de abnegação das sensações que as letras impõe aos seus cultores ha tambem vastas solidades para os modernos cenobitas. Só o enthusiasmo que os conduz a principio é menos forte do que dos neophytos de uma religião nascente.

A immobilidade pertence aos tumulos: á vida pertence o movimento. A quietação é um agonisar

rapido e sem dores: a locomoção contínua é protrahir a existencia por seculos.

Estas idéas, meu amigo, suscitaram-m'as as impressões dos dous dias, que tenho passado desde que saí de Lisboa, e que equivalem bem a seis mezes da minha vida anterior. Escrevo esta n'um aposento vasto e irreprehensivelmente caiado, contraste perfeito d'aquelle pequeno gabinete da Ajuda, que nós sabemos, com o fogão modesto, com a velha poltrona allemã, com os livros e papeis amontoados no pavimento e sobre as cadeiras. A banca onde escrevo, desmesurada, carunchosa, grosseira, protesta contra a pequena meza coberta de panno azul e amarello, onde tanto papel tem sido não sei se estragado, se aproveitado para o futuro; contra essa meza, cuja superficie é um cahos de notas, de extractos, de apontamentos, de livros, e por cima da qual tantas vezes tem cruzado discussões ardentes ou festivas durante as nossas queridas reuniões dos sabbados. Aqui, n'esta immensa banca, onde caberiam os apontamentos e extractos de Ducange ou de Bayle, apenas alveja o papel em que lhe escrevo, á luz mortal da classico candieiro de tres bicos, que irá depôr as armas nas alturas do Soajo, mas que ainda disputa a victoria á invasão dos candieiros francezes no ponto strategico de Santarem. N'esta vasta quadra onde a senhora Felicia, a nossa digna hospeda, nos aposentou, apenas se vêem quatro cadeiras de couro tauxiado, e dous catres de pau santo torneados e lavrados, com um cheiro de bafio do seculo XVII, mas nos quaes sobresáem, acima das cobertas de chita desbotada, as fronhas lisas, e as dobras de lençoes grosseiros, mas alvos, que desmentem a immundicie proverbial das nossas estalagens. Tudo o que me rodeia é mais que simples e de tenue conforto, mas sorri-me, porque quebra a monotonia de doze annos, que vejo a dous passos de mim, como o fuste liso de uma columna toscana, de pé e sosinha no meio de um campo alastrado de ruinas.

Ainda hontem, rodeados de tantos amigos, nós subiamos o Tejo, em volta da meza de um agradável almoço, e assentados depois á pôpa do barco de vapor, symbolo da rapidez em toda a parte, e só em Portugal symbolo da lentidão. O vento fresco do norte augmentava a morosidade do ronceiro navio, d'onde podiamos contemplar pausadamente essa soberba margem direita do Tejo, longa campina ladeada por uma cordilheira contínua mas pouco elevada, cujos cimos flexuosos se coroam de olivedos, campeando sobre as vinhas das encostas e sobre os campos e pomares das planicies. Alhandra, Villa Franca, Alverca, Villa Nova passaram successivamente por nós com os seus edificios caiados, semelhantes a grandes estendões postos nas clareiras, e cuja alvura o sol esplendido da nossa terra quasi fazia scintillar. No Tejo cruzavam em diversas direcções dezenas de velas arredondadas pela brisa fresca. As manadas de touros, parados gravemente pela margem, ou mettidos na agua por entre os canigos e juncaes, pareciam observar o movimento do rio, que alguns atravessavam, ora a nado, ora com agua pelos peitos, para o proximo mouchão, e nos seus meneios lentos, no seu olhar tranquillo ninguem lhes adivinharia a nativa ferocidade. Na limpidez do céu, nas tintas cambiantes das terras calvas, nos verdes variados da vegetação, no murmuro do vento havia uma harmonia de paz; havia vida sem tempestade.

E nós riamos e motejavamos e disputavamos com a confusão, estrepito e desordem de idéas e de phrases que distinguem a discussão portugueza, quando o barco de vapor parou á foz do canal. A disputa

balbuciou, esmoreceu, murmurou e morreu. Os rostos tornaram-se mais compridos, e as feições immobilisaram-se. Houve alguns apertos de mãos, e eu e B.* achamo-nos sós, tristes, silenciosos, com as malas de viagem diante de nós, encostados á porta do quasi sumptuoso edificio, que os emprezarios da navegação do canal ali têm depositado até que alguma cheia do Tejo, que venha mais desoccupada, lh'o transporte para Lisboa. Olhavamos fitos para a gondola que devia receber-nos, e que se preparava para a partida. O que me parece é que nenhum de nós sabia ao certo porque olhava e para o que olhava.

« Bom! — pensou a minha cabeça, onde se agglomeravam todas as philosophias macissas com que o sequei no começo d'esta carta. — A juxta-posição de desconhecidos e indifferentes substituida de subito á convivencia de tantos amigos queridos e leaes, o silencio ao ruido, a gondola ao vapor, a agua dormente da valla ás ondasinhas petulantes e escumosas do Tejo, eis uma sensação que vale a pena de gosar-se, eis emfim um marco plantado na campina rasa do meu viver. Bom! muito bom! »

« Mau! muito mau! » — murmurou baixinho o coração confrangido. Era que tinha saudades. Tussi, escarrei, e puz-me a assobiar com a fronte erguida para o céu, como se lá buscasse a minha estrella á bora e meia da tarde.

Olhei de relance para B.* que não proferia uma syllaba e estava pallido. Pareceu-me que tinha os olhos arrasados de agua. Continuei a assobiar com mais força, e não me gabo, meu amigo, mais detestavelmente ainda se é possível do que até ahí o fizera. Entre a cabeça e o coração continuava entretanto o dialogo. — « Bom, muito bom! Mau muito mau! »

Entramos finalmente na gondola. Dous cavallos hecéticos, a cujas sellas rugosas e remendadas ia prender-se a corda que a movia, começaram a choutar ao longo da senda marginal de sirga, montados por dous campinos em *deshabillé* ribatejano. A pobre gondola, fina, leve, elegante, construida talvez para correr nos canaes de Inglaterra, deslisava pela agua adormecida, como affrontada d'aquelles instrumentos grosseiros e miseraveis de tracção dorminhoca. Repugnam-me estes empréstimos de meia civilização que pedimos aos outros povos. Aceito a mula *affoita* do honrado e infeliz Mousinho; aceito a caleça, a liteira, o macho de albardão, o carro do Alemtejo com o colchão guarda-ossos e o sobre-céu guarda-sol; aceito a falua immunda, e o saveiro esguio e bailador; aceito o carreiro de cabras na montanha, o cachão e a corôa de areia no rio; aceito tudo o que é franca e leal expressão de um paiz atrazado e das usanças nacionaes semi-barbaras. Sabe Deus, até, se, em voz sumida, eu não lhe peço que me deixe morrer antes de acabarem todos esses vestigios das epochas energicas e rudes de nossos avós. O que não tolero é esta pobre gondola atada a dous rocins lazentos, ás albardas gothicas, aos campinos selvagens, como uma cousa viva a uma cousa morta, e representando um synchronismo impossivel entre os dous termos: 1553 — 1853.

Estavam na gondola seis ou oito pessoas accumuladas á prôa e quatro ou cinco abrigadas do sol intenso na camara do meio. Eu e B.* fomos assentarnos na de ré completamente desoccupada. Não tenho a indole communicativa, e as caras dos nossos companheiros de viagem eram tão vulgares, que não nos tentavam a sondar que casta de intelligencias escondiam atraz de si. B.* assentou-se a um canto immerso n'aquelle seu habitual silencio, olhando para o chão. As duas lagrimas que pouco havia lhe bai-

lavam nos olhos, oppressas agora pelas palpebras quasi cerradas, deslisavam-lhe mansamente nas faces.

Levantei-me e bati-lhe no hombro.

«Antes de ter a sua idade,» — disse-lhe — «tambem eu deixei uma familia querida, não por alguns mezes, mas por um futuro indefinito, não para viajar tranquillamente entre concidadãos e amigos, mas para vaguear na terra estrangeira, pobre, só, abandonado. Reclinando-me doente, não sobre os coxins de uma gondola, mas sobre o duro pavimento da coberta de um navio, tambem duas lagrimas me rolaram nos olhos, mas sustive-as porque me envergonhei de mim mesmo; envergonhei-me de ser fraco...»

Conhece o caracter de B.* O sangue refluuiu-lhe do coração ás faces, até ahi pallidas. Ficou immovel algum tempo. Depois ergueu os olhos para mim. Tinha-os enxutos. Levantou-se, saiu para o pequeno espaço descoberto á pôpa da gondola sem me dizer nada, e poz-se a contemplar as margens.

Tenho ás vezes inspirações tão bestialmente estupidas, que não sei como hei de escapar de ser mais tarde ou mais cedo ministro de estado. Seria milagre da grossura e tamanho do de Ourique. Veja, meu amigo, se ha cousa mais absurda do que aproveitar a invencivel tristeza do nosso pobre B.* para assoalhar vaidades do passado! Ha abi nada mais brutal do que ir despertar o orgulho de um character altivo, para com elle lhe varrer as lagrimas, a consolação unica de fundas saudades?

É a gondola, arrastada pelos rocins da meia civilisação, subia mansamente aquella especie de tanque com o rugido quasi incessante dos caniços que bordam as margens e que lhe roçavam pelo costado. A Azambuja, a antiga Villa Franca ou *Villa dos Francos*, descobria-se a espaços e a pouca distancia á raiz da cordilheira e no meio dos olivedos. Quem diria hoje aos habitantes d'este territorio que elles são os representantes e os successores de algumas colonias septemtrionaes que vieram fundar em Portugal uma nova patria nos começos do seculo XIII? É todavia nas formas esbeltas, no tronco espadaudo, no porte orgulhoso do ribatejano, restam bem visiveis os vestigios d'essa raça originaria que os chronicistas pintam como agigantada, robusta, e audaz no animo e no gesto. As mil causas que transformam, que misturam, que delem umas nas outras as variedades da especie humana, ainda não puderam em mais de seis seculos destruir na população da margem direita do Tejo os vestigios da transfusão do sangue germanico, vindo pela segunda vez renovar parcialmente a raça mixta, celto-romana e gothico-arabe do nosso paiz.

As bordas da valla quasi sempre mais elevadas que as da gondola, encobrendo a paisagem de um e de outro lado, tornam o transitto monotono e por isso dobradamente longo. Apenas n'esta distancia de tres a quatro leguas se descobre uma perspectiva grandiosa na margem direita. É a dos Chavões, residencia do mais instruido cultivador de Portugal, o marquez de Niza. Colocado no alto de uma collina, quasi sobre o canal, o palacio dos Chavões parece um castello senhorial da idade media no meio das vastas propriedades de um d'esses barões dos seculos XII ou XIII, especie de regulos dentro dos seus coutos e honras, dominando algumas vezes pelo amor, e muitas mais pelo terror, os camponezes servos. As terras do marquez n'estes sitios, terras que abrangem os dois extensos predios dos Chavões e da Aramenha, offerecem o exemplo, alias tão raro, da cultura aperfeçoada e ao mesmo tempo lucrativa. O marquez, homem essencialmente positivo, sabe

ligar a sciencia com a experiencia, e não condemna as praticas da agricultura nacional somente porque são portuguezas, nem adopta qualquer systema só porque surgiu na cabeça de agronomos francezes ou inglezes, sujeitos, como todos os escriptores, aos desvios da imaginação e a darem como factos indubitaveis e universaes os resultados obtidos n'uma cultura de jardim ou debaixo de campanulas de vidro. Com grande tacto do mundo e profundo conhecimento dos homens e das cousas, o neto de Vasco da Gama evitou o ridiculo de ser um d'estes Triptolemos de Walter Scott, que, á força de lavrarem no seu quarto com as charruas desenhadas nos clichés da Casa Rustica do seculo XIX, attribuem a si a missão de reformar a agricultura em pezo, e de desmentirem até as experiencias repetidas e incontestaveis de muitas gerações. Nas mãos d'estes taes, durante dez annos, os Chavões e a Aramenha seriam uma vasta gandra povoada de cardos ou calva e perdida; nas do marquez são um modelo em muitos generos de cultura, e se-lo-iam em todos, se a grandeza da propriedade não exigisse para o seu completo aperfeçoamento capitaes superiores aos recursos do proprietario.

O canal prolonga-se hoje até á ponte da Asseca. Quando ahi chegamos o sol inclinava-se para o occidente. Eram cinco horas da tarde. Achamos no caes um homem com os cavallos que o coronel G.* tinha antecipadamente disposto para ahi nos esperarem no dia da nossa chegada. Partimos immediatamente. Atravessando uma pequena porção de planicie, começamos a subir as elevações em cujo cimo está situada Santarem. Ao longe a villa simula uma vasta fortaleza. É uma linha escura, achatada, cortando quasi recta o horisonte em grande extensão. Ao entrar na villa o aspecto dos conventos meio arruinados, e em parte demolidos, a amplidão dos terreiros e praças, os palacios desertos, ou habitados por individuos de cujos trajos e porte se deduz que esses nobres edificios não foram construidos para elles, a decadencia e as ruinas, em summa, de uma grande povoação que se vê ter sido opulenta, modificam a idéa que se concebeu ao longe. Então Santarem parece uma cidade, por cima da qual passaram os horrores de estreito assedio e de repetidos combates. Apenas lá muito no interior ha movimento e vida. É como um corpo extenuado a que só restam as pulsações do coração. É esse espectáculo entristece tanto mais quanto os arredores offerecem o contraste do progresso agricola, e em geral do desenvolvimento da riqueza.

Dirigimo-nos a casa do coronel G.* Superintendente dos trabalhos da canalisação do rio, o coronel, ausente no alto Tejo por necessidades do serviço, não pudera chegar a Santarem n'esse dia. Recebidos com agasalho cordeal pela sua familia, jantamos ahi. O capitão S.*, mancebo de intelligencia e instrucção, a quem o coronel pedira nos servisse de companhia, não só nos foi escolher pousada, tendo nós recusado acceital-a em casa do nosso amigo, mas tambem se offereceu para nos acompanhar n'um passeio pela villa. Acceitamos, despedimo-nos das nossas amaveis hospedas, e partimos.

Éra quasi sol posto. Eu conhecia Santarem, mas B.* nunca saíra de Lisboa, e contavamos com embarcar no outro dia. Fazer uma idéa geral da extensão de qualquer terra por onde se passa, da sua topographia, dos seus edificios mais notaveis, dos seus monumentos, se os tem, é dever de todo o viajante, e eu queria que B.* o cumprisse. Começamos então a correr as ruas tortuosas, irregulares e estreitas de Marvilla. Marvilla é a Santarem monumental, languida, arruinada. A Ribeira, escondida

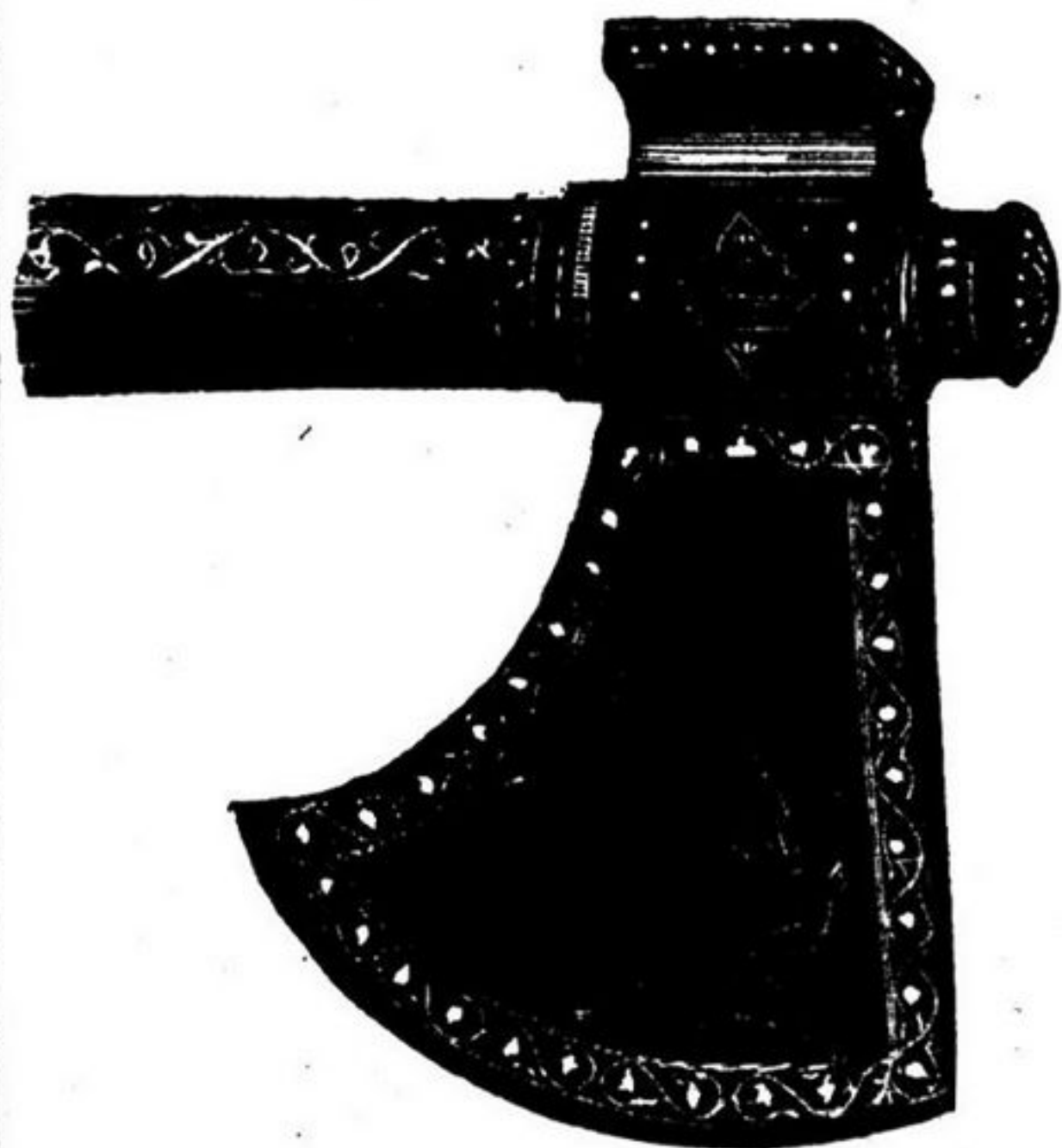
aos pés d'ella para o oriente, entre dous d'aquelles cinco pilares gigantes, que inclinando-se uns para os outros formam com os topos reunidos a base de Marvilla, é a Santarem da vida, do movimento, da actualidade, embora não possa competir em nada d'isso com outras povoações da margem do Tejo. A languidez e a melancolia como que bafejam do alto dos montes a Ribeira e o Alfange, grupo de casas que tambem parece ter escorregado pela ingreme encosta para ir abrigar-se no reconcavo de outros dous montes perto do rio. Ao chegarmos n'aquella especie de correição topographica junto ás portas da Alcaçova era lusco-fusco. Encostámo-nos a um parapeito que resguarda de um precipicio o caminho que seguimos. As linhas duvidosas da casaria, cozida lá embaixo com a raiz do despenhadeiro, as luzes que scintillavam ou se moviam rapidas, a nevoa que se elevava do Tejo e tornava mais vagos e indecisos os contornos d'aquelle dedalo de habitações, d'onde subia como ás lufadas o murmurio da vida, davam a essa scena o que quer que fosse singularmente phantastico, e de que custava a afastar a vista. A noute que descia escura constrangeu-nos, todavia, a retroceder para nos apresentarmos opportunamente á nossa patroa, a senhora Felicia.

B.* que não deu vinte palavras durante o transitto, e cuja habitual taciturnidade receio venha a converter-se em completa mudez, não sei se lhe escreverá dizendo-lhe o que viu e ouviu n'esta breve excursão; porque, conhecendo perfeitamente Santarem, o nosso cortex cicerone poude explicar-lhe tudo com precisão militar e admiravel lucidez. A mim nada me é licito dizer-lhe. Para nós escriptores de profissão, depois das *Viagens na Minha Terra*, Santarem é como um pomo vedado: pertence de propriedade ao auctor d'aquelle espirituoso e poetico livro; pobre auctor, a quem ahi insultaram e calumniaram de visconde! O grande poeta não o merecia. Camões morreu no hospital, e o poeta de D. Branca e de Fr. Luiz de Sousa morrerá com essa hedionda alcunha atada ao seu nome. Dar pão ao genio trajando-lhe o sambenito, equivale a deixal-o expirar de fome. Os vultos que se elevam tanto acima dos outros, e que se chamam Camões ou Garret, deviam dispensal-os, não só de uma vida de miseria, mas tambem de passarem pela craveira dos agiotas, dos intrigantes e dos galopins eleitoraes. Estes governichos de Portugal serão, porventura, eternamente incorrigiveis?

A senhora Felicia é sem contradicção o typo das estalajadeiras. A sua familiaridade não é insolente, mas benevola, e a não ser que no fim nos lance em conta as boas palavras e os sorrisos, ninguem ha mais sinceramente affavel do que ella. O quarto que nos destinou não offende a modestia, como já lhe disse, mas respira o aceio. Entidade indecisa entre a rapariga e a mulher, entre a plebea e a burgueza, a nossa hospeda reúne as vantagens d'estas diversas condições, e d'essa duvidosa idade, sem muitos dos inconvenientes d'aquellas e d'esta. Viva, alegre, falladora, e contrastando por isso com o meu silencioso companheiro, de boa mente eu teria dado largas aos seus recursos oratorios para ouvir á lareira uma d'essas horripilantes historias de salteadores, unica provisão abundante nas estalagens de Portugal, se não fosse a idéa de aproveitar a noute para fazer uma visita ao padre J.* P.*

(Continúa.)

A. HERCULANO.



ARMAS DO MAMELUKO TOUMAN-BEY.

A FAMOSA descoberta do grande Vasco da Gama dera um golpe mortal na opulencia do Egypto. Reinava ali então a dynastia mameluka dos djorides; mas a quadra corria tão agitada, que a exaltação de qualquer chefe ao poder correspondia a uma sentença de morte. A anarchia era espantosa; tudo annunciava um eminente cataclismo.

Cansou Gawri, guerreiro ancião, é elevado ao throno, ao qual não quiz subir sem que se lhe promettesse que se lhe garantiria a existencia no caso de ser deposto! A experiencia de Gawri promettia ao Egypto dias senão de felicidade, de paz ao menos.

Os governadores de Aleppo e de Damasco provocam então contra elle Selim, imperador dos turcos (1516), que aproveitando o ensejo, projecta desde logo incorporar a Syria e o Egypto aos seus vastissimos estados.

Cansou Gawri, vencido por Selim junto de Aleppo, graças ao poder da artilharia turca, contra a qual foram inuteis o valor e gentileza dos egypcios, morreu de desespero.

Touman-bey, seu successor, não foi mais feliz. desbaratado em diferentes recontros, caiu afinal prisioneiro em poder de Selim, que mandou que fosse enforcado, e o seu cadaver exposto por espaço de tres dias « para que ninguem ignorasse que com elle acabára a dynastia dos mamelukos circassianos, que se havia apoderado do throno do Egypto no anno de 648 da hégira (1250 da era christã) e se sustentára n'elle durante duzentos setenta e cinco annos. »

A morte do Touman-bey foi o signal do exterminio dos mamelukos, dos quaes perto de vinte mil foram lançados ao Nilo por ordem de Selim.

A Syria e o Egypto encorporaram-se logo depois nos estados do sultão, como este projectára.

As armas do infeliz Touman-bey ainda ha poucos annos existiam no Cairo, onde mr. E. Prisse teve occasião de as desenhar. Consistiam em um capacete, uma lança, um punhal, uma *hacha*, ou machado, um *djoukan*, e uma maça de armas. Tinham todas o nome de Touman e a data de 917 e 921 da hégira (1511 e 1515 de J. C.) Eram fabricadas de aço da Persia, a que se chama *khorassan*, e tauxiadas de ouro com o maior primor e riqueza. Todas aquellas diferentes peças se distinguiam pela formosura do desenho, e perfeição da mão de obra.

O machado, que a nossa gravura representa é sobre tudo de um gosto e de uma execução maravilhosa. Os labores que ornão o ferro indicam pelo seu estylo que esta arma fôra fabricada na Persia. Não tem outras inscripções senão as palavras: *Allah, Mohammed e Touman*; isto é, o nome de Deus, o do seu propheta e o do altivo bey.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

XXV.

João Garcez.

É oportuno deixar aqui registadas as noticias, que pude apurar ácerca da familia e pessoa de João Garcez, fundador do convento dos Loios.

Sabe-se que foi filho de Affonso Garcez, secretario dos reis D. Affonso V e D. João II.

Este Affonso Garcez teve por paes a Lopo de Azevedo e a Catharina Garcez, que veio de Aragão com a infanta D. Izabel, que casou com o infante D. João. Foi Affonso Garcez natural do Porto, acompanhou a França o conde de Abrantes, D. Lopo de Almeida, e se achou nas justas d'el rei Luiz XI de França com el-rei Henrique IV de Castella. Das suas letras nos deixou memoria João Rodrigues de Sa, dizendo d'elle nas quintilhas:

Seis escudos em um fez
De nobres gerações seis
O douto Affonso Garcez,
O mais sabio portuguez
D'aquelle tempo nas leis.

Casou com Isabel Fernandes, de quem houve 1.^o a Jorge Garcez, que foi secretario d'el-rei D. Manuel, e casou com D. Isabel de Albuquerque, filha do chronista Duarte Galvão, e houve a D. Antonia de Albuquerque, sua herdeira, que casou com o grande Duarte Pacheco.

O 2.^o filho de Affonso Garcez foi este João Garcez, que casou com Leonor de Abreu, que os genealogicos fazem filha de Vasco Queimado, o velho, de Setubal. Viveu na sua quinta de Valle de Flores, e ahí fez testamento a 12 de maio de 1539, e (se houvermos de acreditar o seu epitaphio) falleceu a 5 de agosto de 1547: mas como de seu proprio testamento consta que fôra aberto a 10 de agosto de 1542, n'este mez e anno devemos pôr seu fallecimento.

Foi testamenteiro o padre Marcos da Consolação, reitor do convento. Mandou que seu corpo fosse enterrado no mosteiro, que fundára, na capella de S. João Evangelista, esculpindo-se na campa, cuja materia e dimensões designou, um breve epitaphio, em que sómente se declarasse que fôra ali sepultado; o que os padres cumpriram fazendo lavar na campa as armas dos Garcezes, e por baixo este epitaphio:

AQVI. IAZ: IOHAM: GAR
CES. FVNDADOR. DESTA
CASA. FALECEO. AOS. B. DIAS
DE AGOSTO DE 1. 5. 4. 7. (1)

Porém no anno de 1700, a 9 de janeiro, por oc-

(1) Documento no cartorio do convento.

casião da reformação da igreja, mudando-se o altar para o meio da capella, para não ficar a sepultura coberta com o degrau do altar, e se não perder a memoria do jazigo do fundador, se trasladaram seus ossos para um concavo, que se fez na parede á parte do Evangelho da mesma capella, e se cobriram com um véu de tafetá preto, encostando-se na parede a mesma campa (2).

Esta posição da campa embutida a prumo na parede, deu origem a acreditar-se na villa que o cadaver de João Garcez estava sentado n'uma cadeira, vestido de gala, chapéu na cabeça, espada cingida etc. Para desengano dos credulos se abriu este sepulchro, com consentimento do dono da casa Manuel Mexia Lobo Côrte Real, no 1.^o de janeiro de 1840, em presença de muitas pessoas, no numero das quaes me achava eu. N'um pequeno nicho, ou pratelleira vimos alguns ossos em parte já desfeitos, e totalmente podre o panno de seda, que os cobria (3).

(2) Dito ibid.

(3) Não se deve confundir este João Garcez com outro do mesmo nome, seu parente, primo co-irmão de seu pae Affonso Garcez, que foi escrivão de fazenda d'el-rei D. João II, e provedor das capellas d'el-rei D. Affonso IV. A este deu el-rei D. João II carta d'armas, passada em Evora a 6 de novembro de 1481 (livro 2.^o dos Misticos), na qual refere que em 25 annos de serviço se achára na tomada d'Alcacere em Africa em tempo d'el-rei D. Affonso V e na expedição de Anafe pelo infante D. Fernando, e que n'esta fôra armado cavalleiro pelo mesmo infante; e que se achára com o mesmo rei D. João na tomada de Arzilla e Tangere; e se achára mais na de Castro Queimado entre Samora e Toro com o mesmo ainda principe, a quem assistia servindo e pelejando como homem digno de toda a honra; e servira com treze cavalleiros a seu pae D. Affonso V com despeza de sua fazenda. As armas são: Em campo azul uma garça d'ouro recostando-se posta direita ao longo do escudo, a saber, em pala, entre quatro estrellas de ouro, que ficam atravez do escudo como fxa, ao longo tambem em pala. D'este João Garcez descendem os Garcezes Palhas. (Bibliot. publica eborense. Cod. CXVII — 1 — 7).

Porque o chronista padre Francisco de Santa Maria não attendeu á differença dos dous homonymos, attribuiu ao João Garcez de Arrayolos o que pertencia ao outro, dizendo: — « Em pouca distancia d'esta famosa villa para a parte do nascente possuia João Garcez uma quinta, chamada de Valle Formoso. Era João Garcez homem fidalgo da casa d'el-rei D. Affonso V, e d'el-rei D. João II, a quem serviu sendo principe, e acompanhou na batalha de Touro com acções, que lhe mereceram glorioso nome, e não vulgares mercês: alem de outras, lhe deu o principe n'aquella occasião por brazão d'armas uma ribeira em campo azul, e n'ella uma garça de ouro formada de prata e picada de azul entre quatro estrellas, e por timbre a mesma garça, declarando-o juntamente chefe dos Garcezes. Foi casado com D. Leonor d'Abreu, senhora illustre da casa de Regalados, e ambos serviram aos senhores duques de Bragança: e na grande tormenta, em que se viu combatida, e esteve quasi arruinada aquella grande casa, querendo a duqueza D. Izabel, ao tempo que prenderam o duque D. Fernando seu marido, mandar seus filhos para Castella, os entregou a João Garcez, como a homem de quem fazia toda a confiança, e de cujo valor e prudencia fiava prendas tanto de seu coração. Assistiu-lhe elle todo tempo de seu desterro ou ausencia com inalte-

Leonor de Abreu, mulher de João Garcez, fez seu testamento em Lisboa na rua da Ametade, junto ás portas de Santa Catharina, a 27 de abril de 1547, e ahí morreu assistindo-lhe Fr. João de Penalva, religioso de S. Francisco (4).

J. H. DA CUNHA RIVARA.

DAS ANTIGUIDADES DE BEJA.

EM seguida publicámos uma carta dirigida pelo nosso collaborador o sr. J. M. Nogueira ao sr. Manuel da Gama Xaro, distincto archeologo, residente em Setubal. Além de poder apontar-se como um modelo de estylo epistolar esta carta dá noticia de uma obra manuscripta, que não conheceram os bibliographos portuguezes, e que deve conter muitos esclarecimentos preciosos. Tanto bastaria para excitar a curiosidade dos que se interessam pelas nossas cousas, e para justificar a publicação da carta, se ella nos não fizesse tambem alimentar a lisongeira esperanza, e nos não desse, para assim dizer, o quasi direito, de haver mais larga informação do interessante ms. a que se allude.

LISBOA, 28 de abril de 1854. — Ill.^{mo} sr. Manuel da Gama Xaro. Ando ha muitos dias para escrever a v. s.^a, e não o tenho feito, receioso de lhe ser importuno; mas hoje lancei para longe todos os receios, esperando da bondade de v. s.^a que me relevará a sem-ceremonia com que vou roubar-lhe o tempo, e distrahir de trabalhos valiosos a sua attenção.

D'esta vez não é nenhum amigo, que me obriga a pedir a v. s.^a o auxilio da sua illustrada penna para a publicação de algum semanario de instrucção popular, e a extorquir-lhe, por instancias de amigo e conterraneo, promessas que applicações graves e

ravel fidelidade e constancia, até que empunhando o sceptro o felicissimo rei D. Manuel, mandou vir para o reino aquelles principes seus sobrinhos, e os restituiu a suas honras e estados, fazendo-se ao mesmo tempo João Garcez, pelo bem que os servira, digno dos louvores e agrados d'el-rei, e dos parabens e applausos de todo reino etc. = (*Céu aberto na terra*, pag. 513).

Qualquer attenção basta para descobrir que o João Garcez, que batalhou na tomada d'Alcacere, e que em 1481 já contava 25 annos de serviço, não pode pela idade ser o mesmo, que depois de fundar o convento dos Loios veiu a morrer em 1542: nem tão pouco é de crer que el-rei D. João II, logo que subiu ao throno, desperdiçasse suas mercez com quem era tão cabido na casa do duque de Bragança. O que mais admira ainda é que o chronista da congregação ignorasse que as armas da sepultura de João Garcez de Arrayolos não são as novas dadas por el-rei D. João II, mas sim as antigas da familia (vid. *Nobiliarquia Portugueza*): e só essa ignorancia indesculpavel lhe pode servir de desculpa na confusão que faz dos dous Garcezes do mesmo nome.

Qual d'estes porém seria o mentor dos principes de Bragança no seu desterro, se algum d'elles o foi? Eis o que não posso dar por averiguado.

(4) N'este ponto errou tambem o chronista padre Francisco de Santa Maria, porque depois de ter dado noticia da morte e sepultura de João Garcez,

constantes não deixam cumprir nem ao menos uma vez em cada anno!

Promessas sou em eu quem as faço hoje, e hei de cumpril-as, porque estou persuadido de que v. s.^a não ha de desestimal-as. Tenho delineado uma viagem a Setubal para mostrar a v. s.^a um livro intitulado *Das Antiquidades de Beja*, escripto em 1610, se o meu amigo Porfirio Rodrigues Velloso, official maior graduado da secretaria do reino, que foi quem teve a bondade de m'o emprestar, tiver tambem a de consentir que eu faça com o seu manuscripto, ou que o manuscripto faça sem mim este passeio que prometto.

Beja (guardadas, bem entendido, as convenientes distancias) tambem teve, como Evora, o seu mestre André de Resende, para lhe deslindar as prosapias e honrarias. É o caso.

Vacante a sé de Evora por fallecimento do bispo Alexandre, os nossos pacenses de ha mais de dous seculos reuniram-se e accordaram em endereçar ao rei uma carta e petição para que houvesse por bem conceder-lhes um bispo. O illustre honrador da nossa terra, que eu creio que era tambem um illustre orador, tomou a mão, e em torrentes de erudição ecclesiastica demonstrára a *flux*, que S. Mancio fóra o primeiro bispo de Beja, e não de Evora, porque Beja era então a *cabeça universal* d'aquellas partes, e Evora um pequeno lugar do districto de Beja não obstante ficar o mesmo lugar engrandecido pelo martyrio que o santo ali padeceu. Após S. Mancio, é natural que o orador desenrolasse uma lista innumera de bispos que assistiram aos primeiros concilios, e depois uma enfiada sem fim de razões, a qual d'ellas mais forte, mais de convencer que a nossa terra devia ser restituída á sua pristina cathogoria de sé episcopal.

Diz o auctor do manuscripto que o seu voto pareceu bem ao publico da cidade, e que em consequencia d'isso a camara lhe commettêra o cuidado de fazer a tal carta e petição, que effectivamente fez na melhor forma que soube. «E como ui,» acrescenta elle, «estes desejos nos milhores intendimentos, determinei satisfazer lhes com reddyzir a publico, debaixo do meu nome, omuito que em todas as idades foi Beia sempre honrrada.»

Aqui tem pois a origem do livro.

Parece-me estar já ouvindo a v. s.^a perguntar-me: Que livro é esse que não consta que haja sido descoberto pelo bispo Fr. Manuel do Cenaculo, tão erudito, tão amator de antiguidades, tão dado a colligir e decifrar tradições e inscripções na nossa terra?

acrescenta: = «Na mesma sepultura jaz tambem sua mulher, e ambos passaram o que lhe restou de vida, depois de haverem edificado este convento, em umas casas junto a elle; assistindo sempre aos nossos conegos, e sendo assistidos d'elles com extremosa caridade e amor, e em seus braços acabaram a vida com grande consolação e alegria por deixarem tão bem empregada a sua fazenda.» = (*Céu aberto na terra*, pag. 515).

Tudo quanto levo dito no texto é escrupulosamente extrahido de documentos e memorias que achei no cartorio do convento.

É á vista do que tendes lido n'estes dous ultimos capitulos, crede lá em chronistas de frades, que deixavam dormir em paz os documentos nos archivos, e se punham mui repimpados na cella a phantasiar devotas lendas para honra, gloria e proveito de sua religião; mas em guerra aberta com a verdade.

Profano nos mysterios da paleographia e da diplomatica (e em muita outra casta de mysterios) eu não sou competente para aferir o merecimento artistico nem scientifico de manuscriptos velhos. Não me falta a coragem, que v. s.^a dirá que é bem triste coragem, de confessar que só onde não deparo com pagina garabulhenta, enredada de gregotins muito miudos e amarellados, posso soletrar qualquer escripto sem grandes difficuldades. Onde as entrelinhas, e as emendas, e as notas marginaes, e as *siglas meio-tachygraphicas* de algum licenciado em *degreos* se cruzam e se confundem sobrepostas umas as outras, a modo de remendos empastados na capa de mendigo calaceiro, Deus nos acuda! descoroção logo de todo.

Vem-me então á memoria o que li n'uma carta, que o nosso patricio José Agostinho de Macedo escreveu relativamente á polemica travada entre os eruditos João Pedro Ribeiro e Fr. Fortunato de S. Boa-Ventura a proposito da historia da abbadia de Alcobaga. «Nem entendo,» diz elle, «da diplomacia que se ensina na Torre do Tombo, que vem a ser decifrar letras velhas, assim por modo de engacos de passas, e em que mais se adivinha que se lê; e quando as vejo digo o que disse aquelle cura ao lêr os banhos á estação: *Quem quizer casar que faça boa letra.*»

Portanto julgo prudente não me metter em camisas de onze varas para satisfazer a v. s.^a alguma curiosidade de que esteja accommettido sobre a phrase, o papel, a letra, a orthographia, e os demais caracteres internos e externos do livro. E aqui me cabe devolver-lhe aquelle *Deus vobis haec otia fecit* que para cá me enviou por enganq.

Podia, sim, dar-lhe já noticia de muita cousa que o ha de interessar; mas para que serve dizer-lhe que o auctor era de Abrantes; que o nome lh'o cortaram nas paginas em que estava, ou lh'o apagaram debaixo de grande volume de borrões; que tinha a preciosissima prenda de manejar a penna e o pincel; ou que, por exemplo, o livro era dirigido á *catholica magestade d'El Rey Philippe terceiro deste nome entre os Caesares de Castella & segundo entre os de Portugal*: mas depois mudando-lhe, como se costuma dizer, as settas em grellhas, o destinaram ao *Rey Don João quarto deste nome entre os Caesares de Portugal*? & Não fariá senão anticipar a novidade com que o livro o ha de ir colher de improvisio.

Uma cousa porém peço eu licença para protestar a v. s.^a; e é que, por mais exagerado e seccante que o livro seja, o estimei sobremaneira. Andava impaciente por o vêr; abri-o estremecendo de alvoroço; li-o com entranhada saudade da nossa patria: percorri-o todo n'um momento; posso dizer que o devorei todo, que o adivinhei todo, sem quasi exceptuar as linhas arrevezadas dos retoques e emendas que lhe fizeram n'algumas paginas.

Não sei se penso mal: n'estes desejos insoffridos, n'estas tristezas e saudades que se sentem no intimo do coração ao ver um manuscripto das antiguidades da terra natal, parece-me que ha, não direi *egoismo* mas desculpavel *egotismo* de velho e de namorado. De velho: porque só quem o é ama vaidosamente os tempos que foram. De namorado: porque a patria é como a amante, que seduz pelos encantos, e allucina e enfeitiga, até lhe não quererem saber os feitos, aquelles que fez seus tributarios ou captivos.

Quando as leituras antigas começam de aviventar no homem as memorias e sympathias do passado; quando esse homem sente o desejo de recuar na senda angustiosa da vida para recommear e continuar sem descanso a mesma peregrinação, é que já enve-

lheceu. Ainda o cabello lhe pode negrejar; ainda os annos poucos e inexperientes, talvez lhe sorriem não sei que esperanças e illusões, mas esse homem, pelo menos moralmente, é já velho.

Os que estão áquem dos quarenta, como eu, e os que já passam d'elles como v. s.^a, todos temos envelhecido depressa. A vida tem corrido excessivamente procellosa para todos! Uma differença porém ha que notar: as vigalias do estudo e as meditações envelhentam; mas, em compensação, dão o saber, e acrisolam o amor da patria sem remordimento de odios e demasias. Pelo contrario, os longos desesperos da adversidade, e os certames ensanguentados da politica, em que eu e tantos outros nos fizemos velhos, não produzem esse generoso affecto sem remorsos de haver mal servido o paiz e a humanidade. O estudo fôra a penitencia de mil peccados politicos, que pezam na consciencia de muita gente, mas o estudo é impossivel, quando a mocidade se malbaratou em luctas estereis, ou quando aquelles, a quem a convicção e a probidade costumam servir de escabello, condemnam o homem á dura sorte de adscripticio nos dominios da *bureaucracia*, onde nem os livros se podem comprar, nem a ignorancia, ordinariamente, deixa de ser um merito galardoado...

Ficarei por aqui; iam-se-me trocando nas tristuras de misanthropo os bons humores com que comecei a escrever. Depois, que mal me fez v. s.^a para eu ter a crueldade de prolongar, ainda mais, a minha escripta?

Diz-se que a summa amisade não perdoa a brevidade das cartas dos amigos; mas eu só da summa bondade de v. s.^a devo esperar perdão de o ter enfadado por tanto tempo.

Digne-se pois v. s.^a de me dar as suas ordens, como a quem tem a honra e a satisfação de ser

De v. s.^a attento respeitador, conterranço, amigo e criado affectuoso e obrigadissimo

JOÃO MARIA NOGUEIRA.

Ao VIVER monastico tem reprehendido philosophos os seus tres votos como antinaturaes; e o soldado! O soldado é livre para o casamento? O soldado não geme em forçada pobreza? O soldado sobre tudo não é o prototypo da obediencia servilissima? No monge ao menos a pobreza descalça, a continencia sobrecarregada de cilicios, a abnegação do querer, tinham por compensação a esperanza de thesouros, de delicias e de um throno para a eternidade! e o soldado!! que lhe promettem, ou que espera por tantas renunciações? oh! a sua humildade, se fosse livre, seria inquestionavelmente de todas as heroicidades humanas a mais estupenda: mas não é livre: mais, do que no religioso opera a esperanza do premio, opera n'elle o seu unico movel, o medo do castigo: o cenobita padece e canta: o soldado padece e nem ousa suspirar: aquelle canta, porque na phantasia lhe riem céus; a este negrejam-lhe na idéa o calabouço, as varas, a grilheta, a farda rasgada, o fuzilamento.

CASTILHO — FELICIDADE PELA LAVOURA.

— A vaidade e o orgulho custam-nos mais que a fome, a sede e o frio.

— Não reserveis para amanhã o que podeis fazer hoje.

BASTOS — MEDITAÇÕES.